



Antonio Corrêa de Lacerda*

Divida externa

Consolidar o ajuste das contas externas

Condição para maior autonomia nas políticas econômicas pró-crescimento

16 FEV 2006 GAZETA MERCANTIL

Em 2005 o Brasil obteve mais um superávit em conta corrente do balanço de pagamentos, que atingiu US\$ 14,2 bilhões, 1,8% do Produto Interno Bruto (PIB). Foi o terceiro ano de saldo positivo, após um longo período de déficits, que acumularam US\$ 200 bilhões de 1995 a 2002 e ampliaram significativamente nossa vulnerabilidade externa.

O principal gerador do superávit corrente tem sido o excepcional desempenho do superávit comercial, que atingiu US\$ 44,8 bilhões no ano passado. Gerar superávit comercial é um pré-requisito para um país como o Brasil, que não tem moeda conversível e possui um considerável passivo externo. A dívida externa vem declinando, mas, como o Brasil é absorvedor de investimentos estrangeiros, o estoque de capitais externos tem crescido.

A contrapartida do crescimento do passivo externo é o aumento das remessas para o pagamento de juros (empréstimos), lucros e dividendos (investimentos externos diretos e portfólio) e royalties (uso de marcas e patentes). No ano passado, a conta de serviços e rendas foi deficitária em US\$ 34,1 bilhões, uma ampliação expressiva em relação ao resultado de US\$ 25,1 bilhões em 2004.

Na conta de serviços e rendas o destaque foi o crescimento das remessas de lucros e dividendos de US\$ 12,7 bilhões (crescimento de 73% em relação ao ano anterior) e o pagamento de juros sobre dívida externa de US\$ 13,5 bilhões. Isso denota que preservar o superávit comercial é, para o Brasil, um imperativo, uma vez que o balanço de serviços é estruturalmente deficitário devido à remuneração de serviço dos fatores de produção.

A conta de viagens internacionais é um dos itens de fora



dos serviços de fatores e que poderia, a médio e longo prazos, compensar parte do déficit das demais contas, mas isso demandaria um planejamento estratégico. Vários países geram mais divisas com turismo do que com exportações. É o caso da França, da Espanha, do México e do Uruguai, para citar alguns mais evidentes. Mas enquanto turismo em larga escala for uma realidade distante no Brasil é preciso fortalecer o que tem garantido nossa estabilidade. Além do mais, as duas iniciativas não são conflitantes, mas sim complementares. O Brasil pode muito bem vir a ser um país com forte capacidade de gerar superávits comerciais, assim como de serviços, desde que se prepare para tal.

Preservar e ampliar o ajuste externo é uma condição essencial não apenas para a estabilidade em um sentido mais amplo do que o controle da inflação, mas principalmente para obter maior autonomia nas políticas econômicas pró-crescimento. A experiên-

cia dos países em desenvolvimento razoavelmente bem-sucedidos diante de um cenário de volatilidade dos fluxos de capitais confirma essa hipótese.

A questão é que o fator preço tem sido decisivo no desempenho das exportações brasileiras. A demanda internacional, puxada especialmente pelo crescimento da China e dos Estados Unidos, tem provocado crescimento dos preços nos últimos anos. Segundo dados da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex), os preços do total dos produtos exportados pelo Brasil no mercado internacional cresceram 12%. Esse efeito foi mais evidente ainda no comportamento dos preços dos produtos básicos exportados pelo Brasil, que cresceram 14% em 2005, acumulando uma alta de 48,6% nos últimos três anos. Esse fator explica por que, apesar do câmbio desfavorável, as exportações cresceram 23% em volume no ano passado.

Um outro fator que devemos

lembrar é que, a despeito do expressivo avanço dos últimos anos, a participação das exportações brasileiras no mercado mundial é ainda pouco superior a 1%. Enquanto exportamos US\$ 118 bilhões em 2005, países de porte semelhante, como Rússia, Coreia do Sul e México, por exemplo, exportaram mais do que o dobro desse montante, sem considerar ainda a China, denotando o longo caminho a ser percorrido.

O desafio permanente é ampliar nossas exportações em áreas dinâmicas do mercado internacional para não depender excessivamente do comportamento dos preços dos produtos básicos. A questão é que esses preços não dependem apenas da demanda em si, mas também das condições de oferta. Produtos pouco diferenciados e valorizados no mercado internacional atraem um contingente crescente de fornecedores. O que ocorre historicamente com o café ilustra bem esse aspecto.

O Brasil tem condições de se manter como importante fornecedor de produtos básicos, mas isso não é uma escolha excludente. Devemos e podemos ampliar nossas exportações nas áreas de software e serviços, por exemplo. Mas isso demanda uma política específica, aproveitando as experiências internacionais.

Também é necessário que as condições macroeconômicas sejam favoráveis para isso, o que inclui taxa de câmbio favorável e condições de juros e financiamento que estimulem investimentos estruturantes de ampliação da capacidade de produção e inovação.

* Doutor em economia pela Unicamp, professor-doutor da PUC-SP e autor, entre outros livros, de "Globalização e Investimento Estrangeiro no Brasil" (Saraiva)

E-mail: aclacerda@pucsp.br